CONJUNTURA Retração de 0,7% em 2022 teve maior influência negativa do segmento de minério de ferro, mas queda foi disseminada. Previsão para 2023 é de que cenário continue difícil. Inflação e juros altos seguram desempenho do setor

Cai a produção da indústria

» FERNANDA STRICKLAND

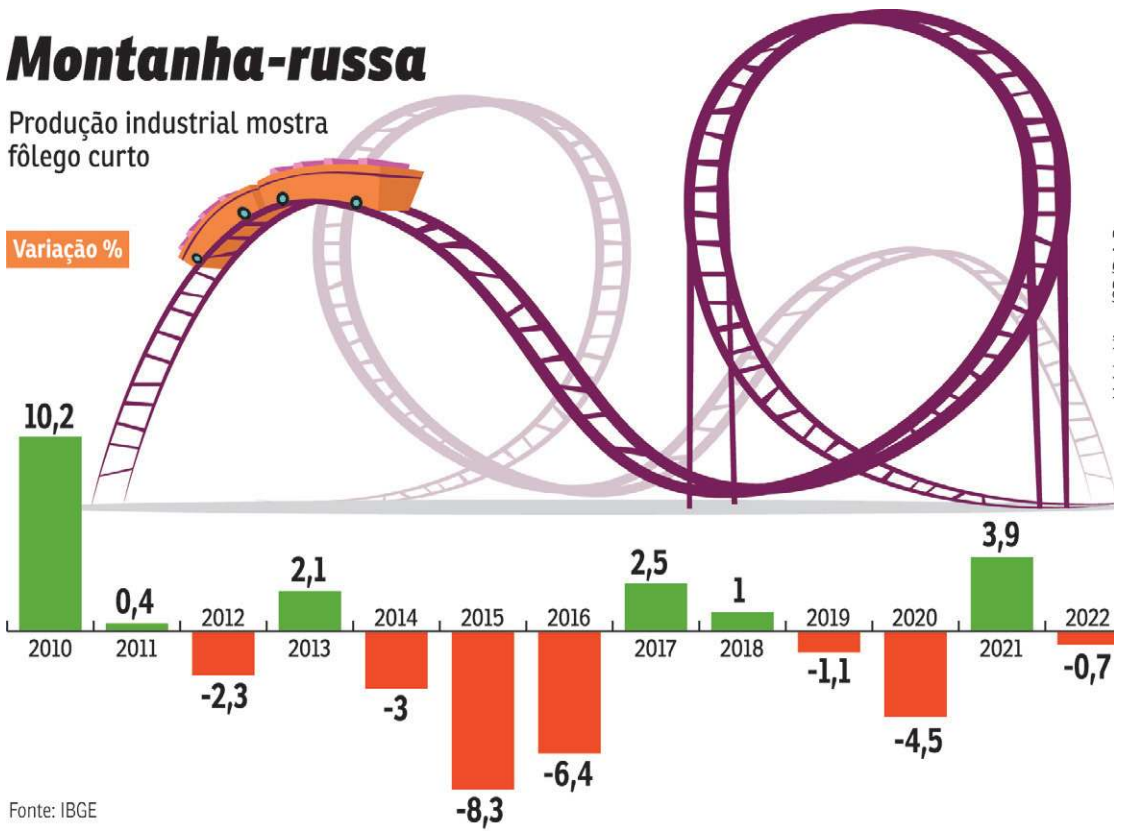
A produção industrial encerrou 2022 com queda de 0,7% em comparação ao ano anterior, quando havia fechado com alta de 3,9%. De acordo com os dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM), divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o recuo foi disseminado em todas as categorias econômicas.

A maior influência negativa no indicador veio do setor de indústrias extrativas, que recuou 3,2%, puxado pelo minério de ferro. Outros segmentos também tiveram quedas significativas, como produtos de metal (-9%), metalurgia (-5%), máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-10,7%) e produtos de borracha e de material plástico (-5,7%).

Entre as atividades que fecharam o ano em alta, destacaram-se a de coque, derivados do petróleo e biocombustíveis, que avançou 6,6% e exerceu a maior influência positiva no índice. Outros impactos importantes foram registrados por produtos alimentícios (2,4%), veículos automotores (3%), outros produtos químicos (2,3%), celulose e papel (3,1%), e bebidas (3%).

Segundo o gerente da pesquisa, André Macedo, a indústria vem mostrado comportamento predominantemente negativo nos últimos anos. "Muito do crescimento de 2021 (3,9%) tem relação direta com a queda significativa de 2020, por conta do início da pandemia. O setor avançou em 2021, mas influenciado por uma base baixa de comparação, e ainda não superou as perdas de 2020", relembrou. A produção atual está 2,2% abaixo do patamar pré-pandemia e é 18,5% inferior ao recorde de maio de 2011.

Em dezembro passado, a produção industrial mostrou variação nula (0,0%) frente a novembro. De acordo com Macedo, o setor industrial chegou a responder às medidas de incremento da renda realizadas pelo governo, como a antecipação do 13º para aposentados e pensionistas, liberação do FGTS, adoção de medidas de estímulo ao crédito, Auxilio-Brasil e auxílio concedido a caminhoneiros, entre outros. "Ao longo do segundo semestre, essa resposta perdeu fôlego e a indústria teve um comportamento de menor intensidade e com maior frequência de resultados negativos", afirmou Macedo.



O recuo da indústria nacional em 2022 também é explicado por fatores como a taxa de juros em elevação, que afeta diretamente os custos de crédito, além da inflação, principalmente dos alimentos, que impacta na renda das famílias e no consumo, elenca o pesquisador. "Também há influência do aumento nas taxas de inadimplência e de endividamento. E o mercado de trabalho, que embora tenha mostrado clara recuperação ao longo do ano, ainda se caracteriza pela precarização dos postos gerados", completou.

Para a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), os juros elevados no Brasil e no exterior e o quadro de desaceleração global tendem a manter um ambiente desafiador para a indústria de transformação, sobretudo no primeiro semestre do ano. "Em vista disso, a projeção da Fiesp para a atividade industrial em 2023 é de queda de 0,5%. Este quadro fortalece a necessidade de ações prioritárias, como a urgente reforma tributária", informou a entidade, em nota.

MERCADOS

Lula e Fed elevam dólar e derrubam bolsa

Após três pregões seguidos de queda e de ter flertado ontem com fechamento abaixo de R$ 5, o dólar encerrou a sessão de ontem em alta de 2,03%, cotado a R$ 5,148, na máxima do dia.

O disparada refletiu, em parte, o fortalecimento da moeda-norte americana após dados fortes de geração de emprego nos Estados Unidos em janeiro, que desautorizaram as apostas, veiculadas nos últimos dias, de que ao alta de juros daquele país poderia terminar em breve.

Aos ventos externos negativos somou-se o desconforto com a nova investida do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) contra o Banco Central. Em entrevista à RedeTV!, na noite de quinta-feira, além de repetir críticas ao nível da taxa de juros e da atual meta de inflação, Lula pôs na mesa a ideia de rever a autonomia legal do BC após o fim do mandato, em 2024, do presidente Roberto Campos Neto, a quem chamou de "esse cidadão".

Divulgado pela manhã, o relatório de emprego nos EUA revelou geração de 517 mil vagas de trabalho no país em janeiro, bem acima das previsões dos analistas. Com isso, a taxa de desemprego caiu de 3,5% em dezembro para 3,4%, e o salário médio por hora, na comparação anual, subiu 4,43%, além do esperado.

A reação dos agentes econômicos à entrevista de Lula ficou bem visível também nos mercados de ações e de juros futuros. A Bolsa de Valores de São Paulo fechou em baixa de 1,47%, aos 108.523 pontos, no menor nível de encerramento desde 5 de janeiro. No campo dos juros, a taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2024 subiu de 13,64% para 13,83% ao ano, e a do DI para janeiro de 2025 passou de 12,97% para 13,27%.

Para o ex-diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central (BC) Alexandre Schwartsman, as recentes declarações de autoridades do governo federal "estão dificultando muito a tarefa do BC". "O Banco Central está ali tentando apagar o fogo e o governo está jogando gasolina, seja na forma de aumento de deficit ou de descolamento das expectativas só pelo gogó", disse.

